

## **ETNOPEDOLOGIA E QUALIDADE DO SOLO NO ASSENTAMENTO ANITA GARIBALDI, PONTE ALTA.<sup>1</sup>**

Caroline da Silva Macedo<sup>2</sup>, Leticia Sequinatto<sup>3</sup>, Aline Lima De Sena<sup>4</sup>, Mari Lucia Campos<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Etnopedologia e qualidade do solo no assentamento Anita Garibaldi, Ponte Alta.”

<sup>2</sup> Acadêmico (a) do Curso de Agronomia – CAV– Bolsista PROBIC/UDESC

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Ciência do Solo – CAV – leticia.sequinatto@udesc.br

<sup>4</sup> Doutoranda em Ciência do Solo – CAV

<sup>5</sup> Co-orientadora, Departamento de Ciência do Solo – CAV– mari.campos@udesc.br

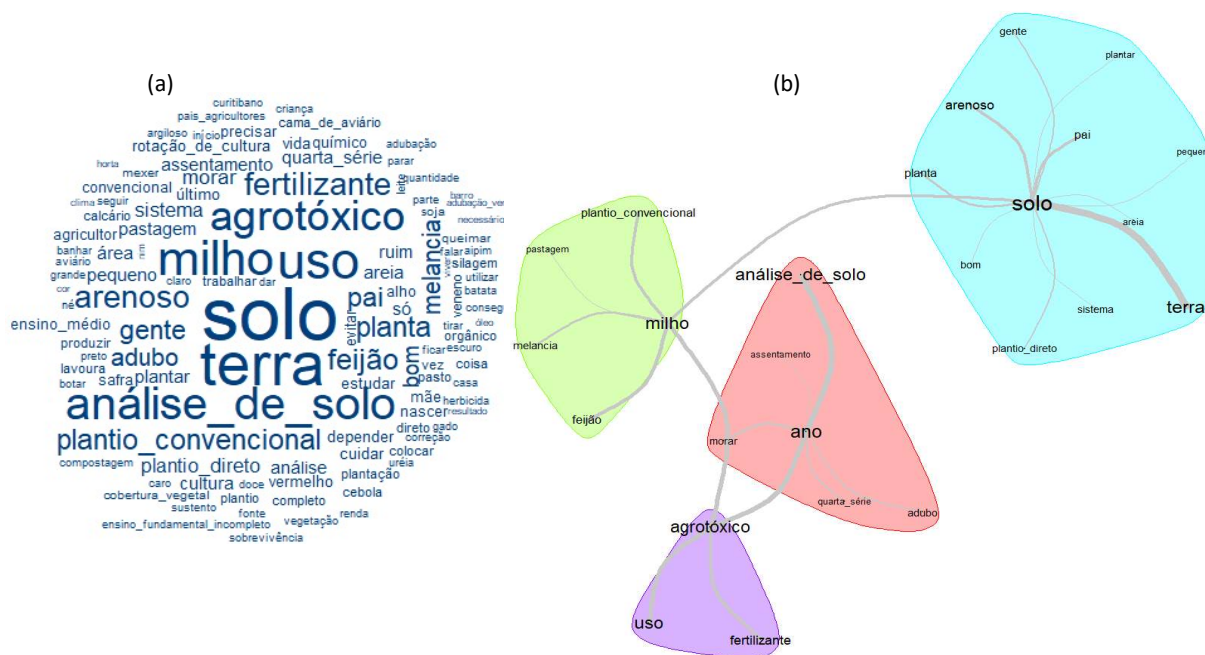
O uso inadequado e a consequente deterioração do solo podem ser consequência do desconhecimento das características, das funções ecossistêmicas e da importância do solo no ambiente. Assim, surge a necessidade de uma abordagem que dissemine a ciência do solo de uma forma didática e que atenda às necessidades locais. Por meio da Etnopedologia e da Educação em Solos se faz possível disseminar estudos e conhecimentos sobre solos, através da compreensão das perspectivas que as comunidades possuem acerca do tema e através da valorização de seu conhecimento tradicional. A Etnopedologia tem o papel de interligar o conhecimento científico ao tradicional. Já, a Educação em Solos, busca conscientizar a sociedade sobre a importância do solo e suas funções. Diante disso o estudo teve como objetivo avaliar a percepção dos assentados, sua interação e a utilização do solo através de visitas e aplicação de questionários. O trabalho foi realizado no assentamento “Anita Garibaldi”, localizado em Ponte Alta/SC. Nele reside 43 famílias que se especializaram na produção de hortifrutigranjeiros, especialmente a moranga, além de leite, milho, melancia e olerícolas (DAMASCENO et al., 2019). Foi realizado entrevistas com a aplicação de questionários semiestruturado com cada uma das 43 famílias do assentamento. O questionário levou em consideração o foco no conhecimento local dos assentados sobre solos, as práticas de manejo envolvidas na sua produção, quais os indicadores adotados por eles para avaliar a qualidade deste recurso natural e quais recursos utilizam para observar se o solo está propício para receber o plantio.

Após a aplicação dos questionários, analisamos as respostas dos assentados por meio da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1997). A análise foi conduzida com o auxílio do software Iramuteque 0.7 alfa 2, através das Estatísticas Textuais, Nuvem de Palavras e Análise de Similitude. Observou-se uma resposta de forma mais imediata como a palavra “terra” para a definição de solo, seguido de “vida” (12 vezes), “fonte” (6 vezes), “sobrevivência” (4 vezes) e “sustento” (3 vezes). De acordo com alguns assentados: “*O solo é terra com tanta coisa, fonte de vida, alimento e sustentabilidade, “o solo é tudo, se cuidar dele você tem tudo, é terra, é mãe é vida”*”.

A análise dos questionários demonstrou a conexão entre os termos “solo e terra”, ratificando a análise estatística e a nuvem de palavras, além de mostrar a relação entre o sistema de plantio e a cultura dispostos no segmento azul (Figura onde se pode corroborar que o sistema de plantio mais adotado é o “plantio convencional”.

Também se observam outras perspectivas relacionadas a produção de culturas ou métodos de produção, como mostra a análise de similitude.

**Figura 1-** Nuvem de palavras(a), e Árvore de similitude (b) gerado pelo Iramuteq a partir do *corpus textual*.



Conclui-se, portanto, que a interpretação dos resultados obtidos por meio das análises estatísticas nos proporcionou esclarecimentos valiosos sobre a relação dos assentados com o solo e suas práticas agrícolas. A prática da educação em solos junto a um grupo de assentados da reforma agrária ocorreu no trabalho de Mâncio, Mendonça, Cardoso & Mugller (2013) que avaliou o uso de mapas conceituais na construção de Projeto Pedagógico para educação em solos e meio ambiente. Este estudo ainda está em andamento, a fase atual foi primordial para compreender a linguagem e a forma como os assentados se expressam. A segunda etapa do trabalho consiste em aplicar uma metodologia participativa, que propicie a participação dos assentados, e elaborar de um material que possua um vocabulário e linguagem acessíveis aos produtores. Essa abordagem colaborativa permitirá uma sinergia entre as duas formas de conhecimento, enriquecendo a compreensão local e favorecendo a construção de soluções mais abrangentes e sustentáveis.

**Palavras chaves:** Assentamento. Etnopedologia. Educação em Solos. DRES.